

**NUNCA MÁS: PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA
PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA**

Inês Skrepetz

Mestre em Estudos Literários pela UFPR, Doutoranda em Literatura na UFSC e bolsista do CNPq, com pesquisa em Literatura Latino-americana.

Resumo

Este artigo se propõe a analisar a experiência do escritor argentino Ernesto Sabato a frente da CONADEP - *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas*, que originou a obra *Nunca Más* (1984). Existem limites entre o compromisso ético e o compromisso literário? Investigar e combater o *mal*, nos termos de Hannah Arendt, “a banalização do mal” e o “esvaziamento moral”, torna-se, com seus riscos, uma opção consciente do dever e da responsabilidade do intelectual?

Palavras-chave: Nunca más (1984); ditadura; CONADEP

Resumen

Este artículo se propone analizar la experiencia del escritor argentino Ernesto Sabato, por delante de la CONADEP - *Comisión Nacional Sobre La Desaparición de Personas*, que originó la obra *Nunca Más* (1984). ¿Existen límites entre El compromiso ético y el compromiso literario? ¿Investigar y combatir el mal, según los términos de Hannah Arendt, “la banalidad del mal” y “vacío moral”, se convierte, con sus riesgos, una opción consciente del deber y la responsabilidad de los intelectuales?

Palabras clave: Nunca más (1984); dictadura; CONADEP.

“Que as coisas continuem como antes, eis a catástrofe!”

Walter Benjamin



Sabato entrega o relatório da CONADEP ao presidente Raul Alfonsín. Folha de São Paulo - 23/09/1984.

Em tempos de repressão a palavra dominante é o *silêncio*, o amordaçamento dos lábios inquietos e inconformados que resistem ao aprisionamento das palavras. Palavras essas que não são apenas lançadas ao acaso, mas que são disparadas como estilhaços de corpos em combate, conscientes que uma das principais faces da linguagem é o movimento, a transformação. Por isso, tentar romper as cadeias, estagnar os fluxos, das múltiplas formas de comunicação, sociabilidade e intersubjetividade, torna-se o ato mais contundente de um sistema repressivo...

Em 15 de agosto de 1983, o escritor argentino Ernesto Sabato¹ foi convidado pelo então presidente Raul Alfonsín para presidir a CONADEP². Os principais objetivos da Comissão consistiam em colaborar para o esclarecimento dos dolorosos fatos ocorridos na Argentina, em consequência da repressão desencadeada pelo regime militar instaurado em 1976, bem como receber denúncias de desaparecimentos e sequestros de pessoas ocorridos neste período, e assim, a partir desta investigação junto ao país, produzir um *informe* sobre este trabalho. (SABATO, 1984). Sabato, em seus pronunciamentos, principalmente durante e depois da ditadura, procurou sempre enfatizar a exigência que fazia consigo mesmo, que é o compromisso com a palavra e a liberdade - para o autor argentino, eram seres humanos que estavam no “campo de batalha”, e seus direitos e valores que estavam sendo violados. A comissão entregou seu relatório ao Presidente da República em 20 de setembro de 1984 e deu por cumprida a sua missão. Este relatório encontra-se na íntegra na obra *Nunca Más* (1984), também conhecida com *Informe Sabato*.

Sabato recebeu a missão de investigar o *mal*, as torturas, as mortes e os paradeiros das pessoas desaparecidas, por meio da CONADEP. Da mesma forma, ele iria investigar os militares envolvidos nos genocídios e sequestros, durante uma das mais cruéis ditaduras da América Latina. Nesse sentido, o *mal* que aqui nos referimos não se remete a uma conotação ontológica, como a pensada por Kant, mas sim dentro da perspectiva de Hannah Arendt, isso é, o *mal* enquanto “esvaziamento moral” e “banalização do senso crítico”, nas

NUNCA MÁIS: PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA
PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA

palavras da filósofa, a partir de sua experiência com o *Caso Eichmann*:

[...] o mal não se enraíza numa região mais profunda do ser, não tem estatuto ontológico, pois não revela uma motivação diabólica – a vontade de querer o mal pelo mal; o que aqui [referindo-se ao *Caso Eichmann*] se revela é a superficialidade impenetrável de um homem [Eichmann]³, para o qual o pensamento e o juízo são atividades perfeitamente estranhas, revelando-se assim a possibilidade de *uma figuração do humano aquém do bem e do mal, porque aquém da sociabilidade, da comunicação e da intersubjetividade*. (ARENDETT, 1993, p. 134, grifo meu).

O trabalho de Sabato junto à CONADEP, nas palavras do próprio autor dentro da obra *Nunca Más* (1984), foi o de investigar e tentar esclarecer esses acontecimentos trágicos, e denunciar publicamente para que os responsáveis pela crueldade respondessem por seus delitos, como o autor destaca no início da obra:

A nossa Comissão não foi instalada para julgar, pois isso é incumbência dos juízes constitucionais, e sim para indagar sob a sorte dos desaparecidos no decorrer destes anos infelizes da vida nacional. Mas, depois de ter recebido vários milhares de depoimentos e testemunhos; de haver verificado ou confirmado a existência de centenas de locais clandestinos de detenção; depois de juntar mais de cinquenta mil páginas de documentação, temos a certeza de que a ditadura militar gerou a maior tragédia de nossa história, e a mais selvagem. (SABATO, 1984, p.01).

Em entrevista a vários jornais do mundo, como *El País*, *Le Monde*, *O Estado de São Paulo*, entre outros, após a entrega do *Informe*, Sabato sempre declarou que por muito tempo foi atormentado pela memória dos relatos, levando-o a ter pesadelos terríveis. Ele também foi criticado por muitas pessoas que repugnavam a sua investigação, dizendo que o país, e o seu povo, não precisavam ficar alimentando as lembranças dos tempos difíceis, nem tampouco, em alguns casos, estigmatizar os oficiais que estavam “apenas” prestando um serviço pela pátria e pelo desenvolvimento do país, os quais, muitas vezes, não passavam de meros subordinados que cumpriam com o seu dever para o “necessário” *Processo de Reorganização Social*.

Ao concluir este trabalho encomendado pelo Presidente Raul Alfonsín, a Comissão presidida por Sabato declarou que:

Com dor e tristeza concluímos a tarefa encomendada pelo Presidente Constitucional da República. Trabalho árduo, pois fomos obrigados a recompor um tétrico quebra-cabeças muitos anos após os fatos, quando foram apagados os vestígios, quando toda a documentação já foi queimada e até prédios foram demolidos (...). As grandes calamidades sempre geram grandes lições, e sem dúvida, o drama mais terrível que a Nação Argentina sofreu em toda a sua história, durante o período em que durou a ditadura militar iniciada em março de 1976, servirá para que compreendamos que só a democracia é capaz de preservar um

**NUNCA MÁIS: PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA
PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA**

povo de tal iniquidade; que somente ela pode manter e salvaguardar os sagrados e essenciais direitos da criatura. Só assim teremos certeza de que *Nunca Más* em nossa pátria acontecerão os fatos que nos fizeram tragicamente famosos no mundo civilizado. (SABATO, 1984, p.04).

Terça-feira, 11 de novembro de 1986 — ILUSTRADA — 47
Niels Andreas 29 Out. 86



O escritor argentino Ernesto Sábato, durante o debate no auditório da Folha

USP-FM leva ao ar debate com Sábato

Da Redação da Folha

A rádio USP-FM (93,7 MHz) transmite hoje, às 22h, a mesa-redonda promovida no último dia 29, no auditório da Folha, com o escritor argentino Ernesto Sábato. Sábato, 75 anos, autor, entre outros, dos romances "O Túnel" e "Sobre Heróis e Tumbas" e presidente, de fins de 1983 a 1984, da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas, que levantou, na Argentina, a lista de atrocidades cometidas pelo regime militar (1976-1983), esteve no Brasil, a convite do Instituto Cultural Brasil-Argentina de São Paulo e da USP, entre os dias 28 e 30 do mês passado. A mesa-redonda, mediada por Nelson Ascher, crítico da Folha, contou com a participação dos professores Celso Lafer, da Faculdade de Direito da USP, e Jorge Schwartz, da Faculdade de Letras.

A conversa com Sábato foi, sem dúvida, um marco no estreitamento das relações culturais entre o Brasil e os outros países da América Latina. Ele falou bastante e quem quer que conheça seus livros poderia ter previsto perfeitamente as respostas que daria às perguntas formuladas, tanto pelos debatedores, quanto pelo público.

As antigas obsessões do escritor argentino, que o levaram a deixar a ciência pela literatura e conduziram-no à atividade política, obsessões onipresentes em sua obra, como a condição do homem moderno, a impossibilidade de se viver humanamente nas grandes megalópoles e, sobretudo, o problema do mal, foram todas colocadas em discussão na mesa-redonda.

Caráter ético-político

Como era de se esperar, a maior parte do público parecia mais interessada no defensor dos direitos humanos —o relatório que a comissão argentina entregou ao presidente Alfonsín ficou sendo conhecido como "Relatório Sábato"— que no escritor e, embora com muitas mediações literárias, a conversa assumiu um caráter mais ético-político que tecnicamente literário.

Quando perguntado sobre as teorias que preconizavam o fim do romance e por que, num tal contexto, havia ele optado por esse gênero, Sábato deu-se por satisfeito em responder com uma diatribe contra o que chamou de "doutrinas funerárias" e, esquivando-se elegantemente de falar acerca de sua carreira, voltou a outros tópicos levantados por Celso Lafer e Jorge Schwartz. O público ouviu em silêncio a fala de Sábato e foram poucas as intervenções da platéia. Quando ocorreram, vieram na forma de aplausos e de algumas homenagens.

Encerrado o debate, Nelson Ascher colocou ao escritor mais uma pergunta literária. Lembrou-lhe que, em "O Escritor e seus Fantasmas", ele traçava um interessante paralelo entre o ambiente onde se originou o grande romance russo do século passado e a própria Argentina, defendendo, assim, o uso que ele mesmo tem feito das técnicas romanescas de Dostoiévski, sua grande paixão literária.

Perguntado se, numa megalópole como a Buenos Aires de hoje, um jovem escritor argentino se sentiria tão atraído pela literatura eslava, Sábato começou defendendo a universalidade das preocupações expressas nos romances daquele período e lugar, mas acabou admitindo que novos referenciais seriam necessários para as novas gerações.

DEBATES FOLHA - Mesa-redonda com o escritor argentino Ernesto Sábato realizada no auditório da Folha no último dia 29. Rádio USP-FM (93,7 MHz) Hoje, às 22h.

Folha de São Paulo, 11/11/1986

O posicionamento crítico em relação à ditadura argentina, e seu envolvimento com a CONADEP, renderam a Sabato demasiadas retaliações. Como um intelectual inquieto e

inconformado, ele não conseguiu silenciar diante de tantos relatos amedrontadores, fazendo críticas ácidas tanto à violência da extrema direita quanto ao radicalismo da extrema esquerda. Sabato deu-se conta, também, das enormes contradições de um sistema que se propunha defensor de uma ordem moralizante, mas cuja instauração dependia de uma ação violenta e perseguidora, capaz de criar uma *metodologia repressiva* muito bem arquitetada. Metodologia esta, que permitiu, além de certa estabilidade ao *poder*, um assustador número de vítimas: trinta mil desaparecidos e 340 campos de concentração.

As vítimas eram abordadas principalmente em casa, assim como o angustiante absurdo vivido por Josef. K, na obra *O Processo* de Kafka: elas eram abordadas, interrogadas e acusadas, na maioria dos casos, sem nenhuma prova, como conta o narrador da obra: “Alguém certamente havia caluniado Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum.” (KAFKA, 2003, p.07). Assim, em muitos casos, as denúncias eram realizadas pelos próprios “conhecidos” da vítima, como uma forma de vingança ou de receber a “proteção” do estado. Os *processos* surgiam de qualquer suspeita e as prisões, seguidas de torturas e mortes, e eram designadas pela repressão, a qualquer momento, como relata Dr. Liwsky sobre a sua apreensão em 5 de abril de 1977, aproximadamente às 22h ao entrar em sua casa no bairro de Flores, na Capital Federal:

Quando comecei a introduzir a chave na fechadura do meu apartamento, me dei conta de que estava acontecendo, porque puxava bruscamente a porta para dentro e me fizeram cambalear. Saltei para trás, tentando escapar. Dois balaços (um em cada perna) fizeram abortar a minha tentativa. (...) Me levaram ao cativeiro. Em seguida se apresentou outra voz. Disse ser o CORONEL. Manifestou que eles sabiam que minha atividade não se relacionava com o terrorismo e a guerrilha, mas que iam me torturar por ser opositor. Por que: “não havia entendido que no País não existia espaço político para opor-se ao governo do *Processo de Reorganização Nacional*”. Depois, acrescentou: “Vais pagar caro...! Acabaram-se os paizinhos dos pobres!”. (in SABATO, 1984, p.17).

Este é um breve fragmento entre os inúmeros relatos dos que sobreviveram, sem contar o silêncio de trinta mil desaparecidos. Neste sentido, Sabato e a Comissão não tiveram como se omitir diante de tais depoimentos, considerando que a intenção da CONADEP não era a de julgar os opressores, pois este procedimento cabia aos juízes constitucionais. Mas, perante estes crimes contra os direitos humanos, e para que este período marcado pelo autoritarismo fosse esclarecido, eles denunciaram estas mortes e torturas para que não se repetissem mais; ou, como pronunciou a filósofa Hannah Arendt, após os crimes do nazismo: “Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça.” (1989, p.12).

Sabato, ao se envolver literalmente com a CONADEP – isso é, um romancista e escritor de inúmeros ensaios que se valeu de sua posição intelectual para interferir no discurso público – tornou-se alvo de inúmeras críticas de outros escritores argentinos. Contudo, sua posição em defender a liberdade de expressão datava de um período bem

**NUNCA MÁ: PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA
PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA**

anterior, isso é, desde o primeiro Peronismo (1955). Já nessa época, por exemplo, o escritor Adolfo Bioy Casares criticava-o por sua obra *El otro rostro del peronismo* (1956): “Ya verás: va a quedar como el hombre que protestó por las torturas. Va a quedar en la Historia como un Negro Falucho⁴.” (in FRANCO, 2006, p.195). Casares fizera esta colocação na década de 50; o mesmo faria Borges, numa entrevista, após a publicação da obra *Nunca más* (1984), questionando a postura de Sabato com a CONADEP, e fazendo um comentário irônico:

Não sei por que se meteu nisso (CONADEP). Eu não gostaria de ser um inquisidor, nem um juiz, nem um verdugo. Não sei por que aceitou tamanha responsabilidade. As acusações são espantosas. É muito estranho. Escolheu esse melancólico destino de inquisidor. Eu preferiria o esquecimento embora fosse um pouco de cumplicidade. Já existe tanta gente morta. [...]. Eu não sei por que Sabato se ofereceu para esta tarefa tão horrível, de examinar acusações. Não é advogado, nada entende de leis. Talvez o tenha feito porque lhe agrada o patético, o horrível. (BORGES, 20/12/1984).⁵

Sabato, na obra *A Resistência* (2008, p.89), escreve na quinta carta um dos porquês de seu compromisso com a CONADEP, que não se referia a um mero *status* de “politicamente correto”:

Não podia, era inadmissível dizer não àqueles pais cujos filhos, na verdade tinham sido massacrados. Quero dizer que eu não podia fazer isso porque já estava dentro, envolvido. (...). Muitos dirão que é melhor não se envolver, porque os ideais acabam sendo aviltados, como esses amores platônicos que parecem corromper-se com a carnalidade. Pode ser que haja certa verdade nisso, mas a dor humana nos reclama. (SABATO, 2008, p.89)

Logo após a experiência traumática da Ditadura Militar vivida pela Argentina, a representação e a manifestação literária e intelectual buscaram se reconstruir, por meio da memória, tentando redefinir as faces da própria nação. A experiência dolorosa que o país viveu entre 1976-1982 não se dissolverá totalmente, pois a memória deseja ser falada; imediatamente nos últimos anos do regime, muitas escritoras, como Marta Traba, refletiriam a “cultura del miedo” em seus romances. Em 1981, Traba escreve *Conversación al Sur*, no qual seus personagens apresentam os efeitos físicos e psicológicos da tortura, o vínculo maternal com o filho, expressando afinidades íntimas entre as mulheres. Outras escritoras, assim como Traba, também desenvolveram em seus romances uma aguda crítica ao machismo no país, como sendo uma extensão do militarismo ditatorial. Luisa Valenzuela, no livro de contos *Cambio de armas* (1982) e no romance *Cola de lagartija* (1983), escreve sobre a posição corajosa das mulheres em relação ao estado, a partir da problemática da Ditadura, que podemos compará-las à imagem de Antígona (figura da mitologia grega é filha da união incestuosa de Édipo e Jocasta), que carrega no próprio nome a sua postura rebelde: “nascer contra”, “ser do contra”. Essas são algumas referências para que possamos compreender, mais profundamente, a dimensão deste período obscuro na Argentina, em que a literatura também não silenciou.

NUNCA MÁIS: PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA
PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA

Na terceira carta *Entre o Bem e o Mal*, da obra *A Resistência*, Sabato analisa esta dualidade na qual o ser humano oscila, mas ele também acreditava que cada um poderia combater, cotidianamente, a banalização do *mal* e resgatar, corporificar os autênticos valores do ser e da vida, que se caracterizam, principalmente, nos termos de Hannah Arendt, na solidariedade e dignidade humanas. Como o autor ressalta no final da terceira carta: “Não podemos, nem devemos falar do homem como se fosse um anjo. Tampouco como se fosse uma besta, porque o homem é capaz das piores atrocidades, mas também dos maiores e mais puros heroísmos.” (SABATO, 2008, p.63).

Nessa perspectiva, a prova que o trabalho da CONADEP não foi em vão é que em 2010, na Argentina, os arquivos oficiais da ditadura foram abertos, levando alguns dos principais algozes para o tribunal, como foi enfatizado no jornal *El Comercio* da Argentina:

La Corte Suprema de Justicia argentina declaró inconstitucionales los indultos concedidos por el presidente Carlos Menem al ex gobernante de facto Jorge Rafael Videla y al ministro de Economía de la dictadura militar José Alfredo Martínez de Hoz, informaron fuentes judiciales (...). El fallo de La Corte no modifica la situación de Videla, condenado a cadena perpetua en 1985 por crímenes de lesa humanidad después indultado por Menem y ahora detenido por un proceso de apropiación ilegal de bebés. Bignone, el último presidente del régimen militar, fue condenado la semana pasada a 25 años de cárcel por delitos de lesa humanidad cometidos en los denominados “años de plomo”, que dejaron unos 30.000 desaparecidos. (*El Comercio*, 28/04/2010).

Embora existam algumas críticas opositoras, por parte de simpatizantes de partidos conservadores, ou mesmo de pessoas que preferem “deixar como está” (como se o passado pudesse ser ignorado), mesmo assim, os reclames das *Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo*, as perturbantes recordações das vítimas sobreviventes, os familiares dos desaparecidos, entre tantos outros cidadãos inconformados, não permitiram que a memória fosse dissolvida na liquidez contemporânea, ou, na metáfora de Bauman (2001), na *Modernidade Líquida*.

A iniciativa da Argentina, em rever os processos, está servindo de exemplo para muitos outros países da América Latina, este continente marcado por cruéis sistemas ditatoriais. Mesmo tendo sido criticada, antecipadamente, a postura da Argentina serve também para que possamos refletir as novas *máscaras ditatoriais* na contemporaneidade –disfarçadas por pensamentos tendenciosos e alienantes, provindo de diversas mídias e sistemas culturais dominantes, pela desumanização do ser e da vida, pelas indefinições das atuais conjunturas, pelas imposições mercadológicas, bem como pelo mórbido conforto de não se posicionar. Frente a essa realidade é necessário um trabalho contracorrente, na contramão da história, no termo de Benjamin, a contrapelo:

“[...] nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento de barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é,

**NUNCA MÁIS: PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA
PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA**

tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo.” (BENJAMIN, 1985, p. 225).

Não há como apenas pronunciar “*nunca más*”, porque os desatinos do poder, as violações dos direitos humanos, a desumanização do ser e da vida continuam. Nas palavras de Adorno (1985), mesmo que por meios sutis, imperceptíveis para muitos, “os poderes midiáticos”, atravessados por discursos dominantes, velam para que a duração do delito seja um espetáculo prolongado e divertido. Por isso, sendo intelectual ou não, todos os cidadãos devem permanecer em vigília, alertando a si e aos outros para que não caiam no sono profundo, e não enfraqueçam o seu senso crítico. Nesse sentido, Sabato enquanto escritor/artista e intelectual deveria ter silenciado ou se envolvido com a CONADEP, mesmo correndo o risco das diversas oposições e críticas? Deixaremos ressoar aqui, como uma possível resposta, a voz de Jacques Derrida:

“[...] um intelectual reconhecido jamais deveria escrever ou tomar a palavra publicamente nem ‘agir’ em geral sem pôr em questão o que parece dispensar explicação, sem procurar associar-se aos que se vêem privados do direito à fala e à escrita, sem exigir isso para eles – diretamente ou não. Daí a necessidade de escrever em outros tons, de mudar os códigos, os ritmos, o teatro e a música... Não acredito dever abrir mão das responsabilidades, dos deveres e dos poderes que ainda me são, a título de ‘intelectual’, reconhecidos.” (DERRIDA In: NOVA-ES, 2006, p. 32).



Centro de Buenos Aires, quinta-feira: 100 000 pessoas aguardam o relatório Sábato e pedem justiça

Folha de São Paulo, 23/09/1984

Referências

- ADORNO, T. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Zahar, 1985.
- ARENDT, H. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- _____. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEIRED, J. *Breve História da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996.
- BENJAMIN, W. *Origem do drama trágico alemão*. São Paulo: Autêntica, 2011.
- _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BORGES, J. *Ernesto Sabato. La Gaceta de Hoy, 20/12/1984*. In: STORTINI, C. *Dicionário de Borges*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CONSTENLA, J. *Medio siglo con Sabato*. Entrevistas. Buenos Aires: Textos libres, 2000.
- EL COMERCIO. *Corte argentina declaró inconstitucional indulto a los dictadores*. Disponível em: <http://elcomercio.pe/mundo/468590/noticia-corte-argentina-declaro-inconstitucional-indulto-dictador-jorge-videla>. Acesso em: 28/04/2010.
- FRANCO, J. *Historia de la Literatura Hispanoamericana*. Barcelona: Ariel, 2006.
- GONZÁLES, H. *Historia crítica de la literatura argentina*. Buenos Aires: Emecé, 2000.
- KAFKA, J. *O Processo*. Rio de Janeiro: Biblioteca O Globo, 2003.
- NOVAES, A. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- OLIVEIRA, L. *Do nunca mais ao eterno retorno: uma reflexão sobre a tortura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SABATO, E. *Uno y El universo*. Buenos Aires: Seix Barral, 1945.
- _____. *A Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Apologías y rechazos*. Buenos Aires: Seix Barral, 1979.
- _____. *Heterodoxia*. Campinas: Papyrus, 1993.
- _____. *Hombres y engranajes*. Buenos Aires: Seix Barral, 1951.
- _____. *Informe sobre ciegos*. Buenos Aires: Emecé, 2008.
- _____. *Nunca mais!* Porto Alegre: L&PM, 1984.
- _____. *Desaparecidos, uma ferida aberta na história argentina*. In: *Folha de São Paulo*, 23/09/1984.
- _____. *Nunca más*. In: *El País*. España, 08/1984.

NUNCA MÁS: PARA QUE NÃO SE ESQUEÇA
PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA

SARLO, B. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

SAUTER, S. *Sabato: símbolo de un siglo*. Buenos Aires: Corregidor, 2005.

Notas

¹ Como preferência do próprio autor (*in* SAUTER, 2005, p. 8), após escrever o romance *Abadon o exterminador* (1974), o seu nome será mantido sem acentuação ortográfica: SABATO.

² Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas, na Argentina.

³ Adolfo Eichmann foi o funcionário nazista encarregado do transporte de prisioneiros para os campos de concentração e de extermínio. Ele foi julgado em Jerusalém e, após, foi enforcado.

⁴ Negro Falucho é um personagem histórico da Argentina que se negou a prestar reverência à bandeira Espanhola no ano de 1824 e, portanto, foi fuzilado. Mas, dentro da História argentina, o seu ato heróico é mencionado com certo teor dúbio, não recebendo um significativo reconhecimento da História. Mesmo assim, há estudiosos que reivindicam, como coloca Said e Babba, esta história “mal contada pelo outro”. (*in* <http://arteafricana/PERSONAJES.htm>).

⁵ Porém, Gonzáles ressalta que o autor de *Aleph* foi “obrigado” a tomar uma posição: Borges [...] quando pressionado pelas *Madres de la Plaza de Mayo* decidiu condenar o governo que antes tinha considerado como “de cavalheiros”. (GONZÁLES, *Folhetim*, 06/01/1985).